

MUNDO RONDON

Revista do Projeto Rondon



2



10 ANOS DE RONDON

Desde a retomada, em 2005, 270 universidades participaram das operações que atenderam mais de mil municípios

PERFIL

Ministro do STM é grande parceiro do Projeto há uma década

MEIO AMBIENTE

Rondonistas ajudam município em situação de emergência no sertão do Ceará

04
PERFIL**06**
ARTIGO**07**
EDUCAÇÃO**08**
MEIO AMBIENTE**10**
DESTAQUE**12**
CULTURA**13**
MEIO AMBIENTE**14**
CONHECIMENTO**16**
TECNOLOGIA E PRODUÇÃO**17**
CURIOSIDADE**18**
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**20**
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**22**
SAÚDE**23**
LAÇOS DE AMIZADE**EDITORIAL****PREZADOS LEITORES,**

Nestes dez anos de sua reedição, o Projeto Rondon, em parceria com as Instituições de Ensino Superior, estados, municípios e as Forças Armadas, conseguiu consolidar-se como o maior Projeto de Extensão Universitária do país, possibilitando aos estudantes não só colocar em prática tudo o que aprenderam na vida acadêmica, como também, por intermédio do contato com diferentes culturas, ampliar seus horizontes aprendendo com a sabedoria popular. O Projeto Rondon tornou-se, assim, uma imensa sala de aula, do tamanho do Brasil, proporcionando ao estudante experiências que irão durar sua vida inteira.

Nosso grande desafio para o futuro será expandir nossas possibilidades, agregando aos nossos atuais objetivos outros que se apresentam como necessários e imediatos para a consolidação da cidadania como esteio de nossa nação. Uma das prioridades será a de contribuir para a inclusão social de segmentos carentes ou isolados da população brasileira na busca de soluções para os problemas sociais locais capacitando lideranças comunitárias, servidores públicos, agentes de saúde, educadores e público em geral em assuntos como cultura, direitos humanos e justiça, educação, saúde, comunicação, tecnologia e produção, meio ambiente e trabalho, e outros a serem delineados.

A Revista Mundo Rondon, nesta edição especial, busca mostrar um pouco do trabalho daqueles que contribuíram e contribuem para o sucesso do Projeto Rondon. Algumas palavras que buscam não só render homenagens, mas tributar o devido reconhecimento e estimular aqueles que são protagonistas desse brilhante projeto, os nossos rondonistas!

Estaremos debatendo esses novos caminhos em nosso II Congresso Nacional do Projeto Rondon bem como ao longo deste ano marcante, em que também comemoramos os 150 anos do nascimento do Marechal Rondon. Contamos assim com a participação de todos os segmentos para alcançar nossos novos objetivos. A todos, uma boa leitura!

General Walmir Almada
Schneider Filho

Coordenador-Geral do
Projeto Rondon

EXPEDIENTE**Ano II, edição especial, 2015**

A revista não se responsabiliza por artigos e opiniões assinadas. As matérias podem ser reproduzidas, desde que mencionada a fonte.

Ministro de Estado da Defesa:
Jaques Wagner

Coordenação-Geral do Projeto Rondon:
Walmir Almada Schneider Filho

Projeto gráfico e diagramação:
FSB Comunicações

Edição e revisão:
Gabriela Campos/Ascom-MD;
Marina Mello/FSB

Fotos:
Tereza Sobreira/Ascom-MD; André Maceira/FSB

Textos:
Lane Barreto/Ascom-MD; Cláudia Sanz/ FSB; Aline Reis/FSB

Endereço para correspondência:
Ministério da Defesa, Esplanada dos Ministérios, Bloco Q – Protocolo. CEP: 70049-900 Brasília – DF Tel.: (61) 2023-5280

Impressão:
Imprensa Universitária - SC

Tiragem:
3 mil exemplares

Gostaríamos de saber como o Projeto Rondon mudou a sua vida. Envie sua história para projettorondon@defesa.gov.br



MINISTRO DO SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR PARTICIPA DO PROJETO RONDON HÁ DEZ ANOS

Colaborador e simpatizante do Projeto Rondon, o ministro do Superior Tribunal Militar (STM), José Barroso Filho, tem acompanhado, ao longo dos últimos dez anos, diversas operações do projeto. O magistrado esteve presente em pelo menos oito ações, visitando os municípios e fazendo palestras sobre a importância do ensino de extensão. Para ele, a aproximação de professores e estudantes com as diferentes realidades do país é um dos diferenciais do projeto, além da oportunidade de executar atividades fora das salas de aula.

Professor universitário da pós-graduação, o ministro costuma dizer, em suas palestras, que o Projeto Rondon é uma viagem de conhecimento. Em janeiro de 2015, José Barroso Filho acompanhou algumas atividades realizadas pelos estudantes nas três operações do semestre: Mandacaru, no Ceará; Jenipapo, no Maranhão; e Porta do Sol, na Paraíba.

Para ele, o Projeto Rondon é fascinante. “É uma viagem para conhecer o Brasil, a sua diversidade, as suas riquezas, deficiências e potencialidades e também uma viagem interna, em que professores e alunos desabroçam, e onde nascem vocações que alunos e professores não imaginavam existir”, diz o ministro.

Em uma das muitas conversas que o magistrado teve com universitários, durante as atividades da Operação Mandacaru, na cidade de Baturité, a 80 quilômetros de Fortaleza, José Barroso Filho falou aos estudantes sobre a multidisciplinaridade do Projeto Rondon: “Temos aqui pessoas da área de Direito, Urbanismo, Engenharia, Saúde e todos

estão agindo juntos, independentemente das suas áreas de formação. É um saber múltiplo que faz renascer o que realmente é a universidade, uma atividade de saber transdisciplinar e de todos interconectados”.

Segundo o ministro do STM, é importante que todos percebam os diversos lados do saber científico e o quanto cada um pode fazer por mudanças. Ele explica ainda que não são só os projetos megalomânicos que podem ajudar as pessoas e fazer a diferença, mas sim pequenas ações pontuais. Ele lembra que os rondonistas abrem mão das suas férias para fazer um trabalho voluntário e isso é transformador na vida de muitos.

José Barroso Filho diz ainda que mais do que ensinar alguma coisa a pessoas humildes, pequenos agricultores e famílias

carentes, o Projeto Rondon é uma oportunidade de aprendizado para os estudantes. “O Rondon é como uma tatuagem que fica na pele para sempre”, definiu.

De acordo com ele, o desenvolvimento não é só a questão de PIB, de indicadores, de matemática ou fórmulas, mas é sobretudo ver esperança de futuro no rosto das pessoas. “O desenvolvimento que interessa para nós, e que muitos estão praticando nestes dias de Rondon, é o desenvolvimento do ser humano. Aquele desenvolvimento que fica, que justifica as ações e que edifica uma nação. Fazer parte de uma nação é muito mais que falar a mesma língua ou habitar o mesmo território. É uma sensação de pertencimento, e isso a gente consegue trabalhar visitando outros rincões, indo ao interior

e conhecendo um pouco de nós mesmos e de quem são essas pessoas”, argumenta.

O ministro também defende a importância do Projeto Rondon para o meio acadêmico. Segundo ele, as atividades proporcionadas às universidades são um resgate do verdadeiro objetivo dessas “escolas de saber”. É uma possibilidade de se perceber o quanto é valioso este critério de ensino, pesquisa e extensão. Ele explica que é muito gratificante para o professor ver que após uma atividade de extensão bem focada, o aluno retorna para o meio acadêmico mais interessado.

O que marca no Rondon, para José Barroso Filho, é a filosofia, essa ânsia de futuro, de construir um Brasil mais inclusivo, um Brasil para todos e para que as pessoas tenham direito de sonhar. “É preciso educar para a esperança. Esperança não é esperar. Esperança vem do verbo esperar, é agir, é almejar e fazer acontecer. É isso que o Rondon busca em suas missões”.

PROFESSOR DE ARARAQUARA É COLABORADOR ASSÍDUO

Otro entusiasta do Projeto Rondon é o professor de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara. Roberto Carlos Miguel iniciou sua participação no Projeto Rondon durante a Operação no Vale da Ribeira, interior de São Paulo, em 2006, numa região extremamente carente, quase na divisa com o Paraná. A partir dessa experiência, ficou motivado a concorrer com novos projetos e a participar de outras operações. De lá para cá esteve presente em praticamente todas as atividades de extensão do Rondon, num total de 17 operações realizadas.

O professor conta que já teve a oportunidade de acompanhar operações em terra e também em regiões ribeirinhas, onde as atividades se davam circulando de barcos pelas comunidades. “Nas atividades em terra, a nossa prioridade tem sido as áreas rurais, trabalhando com pequenos produtores, com a emancipação da comunidade e, principalmente, procurando desenvolver nas populações a capacidade de buscar soluções para os seus problemas e agregar renda às famílias”, lembra ele.

Também faz parte das atividades do grupo do professor Roberto Miguel a disseminação de informações sobre políticas públicas e de tecnologias sociais aplicadas às demandas do município. “A gente já tra-

balhou várias vezes no Nordeste onde a demanda principal está relacionada ao bioma de caatinga e de seca. Nosso propósito é buscar soluções em relação a saneamento básico, ao armazenamento e qualidade da água e às questões ligadas às cisternas”.

Uma das ações marcantes da equipe do professor Roberto Miguel ocorreu em 2011, numa operação especial do Projeto Rondon desenvolvida na calha norte do Rio Paraguai. “Na ocasião trabalhamos com a população ribeirinha do Pantanal até a divisa com a Bolívia. Nosso grupo esteve ao lado da Univali de Itajaí e desenvolvemos atividades de capacitação dessa população ribeirinha, principalmente qualidade da água, organização do coletivo em associações e cooperativas. A região era extremamente turística, turismo de pesca, então nós trabalhamos com associações para vender isca para os turistas que vão àqueles lugares para pescar. A atividade agrega muita renda aos ribeirinhos”, conta o professor.

Na Operação Aciso, na Ilha de Marajó, no início de 2014, ele conta que tiveram contato com moradores do município de Melgasso, que na época apresentava o menor IDH do país. “Lá nós encontramos pessoas que não iam a um médico há mais de cinco anos e isso causou um grande impacto nos alunos do grupo que eram da área de saúde, mas junto com o apoio da Marinha foi possível levar esperança a essa gente, com ações de conscientização e também de participação política das comunidades”.



José Barroso Filho acompanhou a Operação Mandacuru, em Baturité, no Ceará

Foto: André Maceira

“O Rondon é como uma tatuagem que fica na pele para sempre”

O PAPEL DO PROFESSOR NO RONDON

Sou um exemplo de professor que se dedicava ao ensino e pesquisa, mas que estava inconformado com “como e quem” formamos, ainda com a visão estreita, minha e de meus alunos, da realidade brasileira. Um dia, duas alunas do curso de Farmácia da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto/USP (Aline Bononi e Camila Ferreira) entraram em minha sala dizendo: “Professor, queremos fazer o Projeto Rondon. Estamos com o projeto pronto e hoje é o último dia para submetê-lo. Já passamos por vários professores e não tem ninguém que aceite ser o coordenador. Você poderia, por favor?” Mesmo sem conhecimento prévio, de pronto aceitei. Obviamente busquei informações e, com o projeto aprovado, fomos para a visita precursora. No

batalhão (Base Operacional) descobri que professores do Projeto Rondon são essencialmente pessoas do bem, com ideais de um Brasil que todos nós desejamos.

Nas operações do Projeto Rondon sempre se encontra um ambiente onde predomina o espírito coletivo, desprovido de vaidades pessoais, e uma imensa riqueza científica, ideológica e cultural de todas as regiões do país. Professores que querem fazer o Rondon, ou fazem há pouco tempo, não precisam ter receio. Basta conversar bastante com os professores veteranos e compartilhar seus anseios, dúvidas e expectativas. Isso é essencial para que possam colher informações, ideias, procedimentos, experiências e assim serem mais eficientes e felizes.

Quando calouro rondonista, meu ideal era realizar a operação formatada com oficinas sob o meu ponto de vista. Isso é um erro estupendo. Hoje vejo que um professor rondonista é aquele que instiga, provoca e estimula; cria meios para discussão e, somente em último caso, dá dicas que possibilitem ao universitário a exteriorização e a realização de suas ideias. Hoje, acredito em um tutor que possibilite ao nosso aluno ser o protagonista de fato, que pense, aprenda e encontre soluções frente a desafios ou problemas.

Acredito que um professor rondonista precisa ser parceiro, com espírito de união. O respeito mútuo é a palavra-chave, não a soberba/prepotência. Acolher, ouvir, ceder, se fazer compreender, sugerir e pensar juntos são fundamentais para a consolidação da essência, para o cumprimento da missão de forma plena e, segura-

mente, para que a soma de um mais um sempre seja maior que dois.

Desse modo, o professor do Projeto Rondon seria a soma do todo: ser humano, cientista, educador, extensionista, administrador e cidadão. Ainda são poucos com tal perfil e se faz extremamente desejável que sejam muitos para que o Rondon possa ser realizado a contento.

Como o Projeto Rondon é sempre inclusivo e não excludente, hoje somos mais de 300 professores rondonistas cadastrados. Muitos de nossos colegas são recém-chegados e outros mais, seguramente, se juntarão a nós. Desse modo, deixo como sugestão que nossas experiências sejam públicas, visando aprimorar nosso papel no projeto. Uma forma seria por meio de oficinas, durante as Reuniões Anuais dos Professores ou mesmo no Congresso Nacional. Acredito que professores podem ajudar de fato a aprimorar o Projeto Rondon, tendo sempre um representante oficial nosso junto à Coordenação. Deste modo, conclamo que nós possamos sair deste Congresso unidos e fundando a Associação dos Professores do Projeto Rondon-MD.

Hoje, pensar principalmente em todos é a melhor maneira de pensar em si. O nosso povo, apesar de tudo, é alegre, ordeiro, solidário e nosso país acha-se situado em uma das regiões mais belas desse planeta. O Brasil é um país jovem, buscando sua identidade e, ao seu modo, sua democracia e justiça social. Tenho a honra de poder participar desse projeto que todos nós amamos e de vivenciar suas operações, para evoluirmos como seres humanos e contribuir como rondonistas, de fato, para a construção do Brasil dos nossos ideais. Saudações rondonistas! SELVA!

Auro Nomizo, Departamento de Análises Clínicas, Toxicológicas e Bromatológicas, Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FCFRP/USP)

OFICINA DE INFORMÁTICA ATRAI CRIANÇAS E ADULTOS DE SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA

No mundo globalizado atual é difícil acreditar que ainda existem pessoas que não têm acesso à internet, tampouco a um computador. Mas essa é a realidade de alguns moradores de São Domingos do Araguaia (PA), localizado a 722 quilômetros de Belém (PA). O Projeto Rondon, por meio da Operação Itacaiúnas, levou inclusão digital ao pequeno município de 24 mil habitantes.

Os alunos da Universidade de Brasília (UnB) chegaram a São Domingos do Araguaia com o objetivo de oferecer uma oficina básica de informática para 30 alunos, com carga horária de 20 horas. Os acadêmicos Mathaeus Lazaretti, 25, do 6º semestre do curso de Direito, e Leonardo de Souza, 21, do 7º semestre de Saúde Coletiva foram os designados para a tarefa.

De acordo com os rondonistas, a procura superou as expectativas: 129 pessoas se inscreveram na oficina, quantidade quatro vezes maior que o número de vagas ofertado inicialmente. Outro desafio foi o grau de conhecimento baixo ou nulo que os inscritos tinham sobre informática.

Por causa disso, eles decidiram reformular o projeto original, que seria uma turma única, com conteúdo mais aprofundado, para oficinas diárias mais enxutas. “Isso demandou mais empenho de nós. Dobramos a carga horária e alteramos o cronograma porque participávamos de outras oficinas e palestras”, contou Mathaeus.

As oficinas aconteceram durante o período de uma semana no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) da cidade. Os rondonistas dividiram os alunos em dois grupos: os que não possuíam contato com o computador ou tinham conhecimento muito limitado e aqueles que já tinham alguma experiência.

Mas o esforço dos acadêmicos valeu a pena. Os olhos da menina Vitória Maysa, 8, brilhavam ao ter o primeiro contato

com o mundo digital. “Eu estou achando a aula muito boa porque sempre tive vontade de mexer no computador”, contou a paraense, moradora da área rural do município.

A dona de casa Vilma Rodrigues, 34, também aprovou a iniciativa. “No começo, a gente fica nervosa sem saber por onde vai, mas depois vai se acostumando. Apreendi bastante”, empolgou-se.

Após cinco dias de aulas, 96 alunos foram atendidos nas oficinas, com carga horária de 40 horas. Para Mathaeus, que participou pela primeira vez como instrutor de informática, a experiência foi gratificante. “Creio que não há satisfação maior para um rondonista do que ver seu trabalho se refletindo em algo de novo na vida de outras pessoas”, ressaltou.

“Eu estou achando a aula muito boa porque sempre tive vontade de mexer no computador”



Foto: Tereza Sobreira

Vitória Maysa, de 8 anos, ficou empolgada em seu primeiro contato com o mundo digital

RONDON NO COMBATE A SECA

Vários municípios da região do semiárido cearense encontram-se há tempos vivendo o drama da seca. A situação de abastecimento é crítica e muitas localidades só recebem água por meio de caminhões-pipa. Em Apuiarés, a 120 quilômetros de Fortaleza, na microrregião do médio Curu, a falta de chuva já obrigou muitos agricultores e criadores de cabras e galinhas a abandonarem suas atividades. O município vive situação de emergência buscando ajuda dos governos estadual e federal para manter as famílias abastecidas.

Os estudantes do Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro e da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) tiveram a oportunidade de conhecer bem de perto as dificuldades desses moradores da região e a colaborar com a comunidade. Uma das ações da Operação Mandacaru, do Projeto Rondon, foi a construção de uma barragem subterrânea numa fa-

zenda no distrito de Canifístula, a 28 quilômetros de Apuiarés.

Na localidade moram cerca de 220 famílias que, somadas, chegam a pouco mais de mil habitantes. Para se ter uma ideia das dificuldades de abastecimento, os moradores recebem água de caminhões pipas, que são armazenadas em 92 cisternas construídas nas casas. Cada morador tem direito a 20 litros de água por dia. Essa quantidade representa apenas 20% do que a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece como o consumo mínimo per capita para um indivíduo, que é de cem litros diários de água.

“O pedido para construção de uma barragem subterrânea foi feito pelos moradores durante a visita precursora. Nós conversamos com os integrantes da prefeitura e tivemos total apoio do secretário de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente, Tobias Lessa, que disponibilizou um trator para cavar o buraco para a barragem e também para a fossa,

além da lona plástica e do material necessário”, explicou o professor Roberto Bidegain Primo, coordenador da equipe salesista. “Houve muita empolgação dos estudantes porque conseguimos essa ajuda, o que não foi possível em outras operações do Rondon por falta de apoio das prefeituras”, completou.

A barragem subterrânea é feita em áreas de baixios, córregos e riachos que se formam no inverno. Sua construção depende da escavação de uma vala até a camada impermeável do solo, a rocha. Essa vala é forrada por uma lona de plástico e depois fechada novamente. Desta forma, cria-se uma barreira que “segura” a água da chuva que escorre por baixo da terra, deixando a área encharcada.

Para garantir água no período mais seco do ano são construídos poços a aproximadamente cinco metros de distância do barramento. O poço serve para retirar a água armazenada na barragem que pode ser utilizada para pequenas irrigações, possibilitando que as famílias produzam durante o ano inteiro.

O projeto de construção e implantação da barragem em Canifístula foi feito pelo estudante de Direito, Daniel Graef de Vasconcellos Dias, de 26 anos, com a ajuda

de Flávio Filho, do curso de Administração e de João Pedro Campos, da Engenharia Civil. “No curso de Direito eu já tinha como objetivo a área de meio ambiente. O interesse em construir a barragem só aumentou essa vontade”, disse Daniel, explicando que queria fazer uma coisa prática, e não apenas dar palestras e oficinas para os moradores. “Pretendo também me especializar na questão de gestão hídrica. É preciso mudar o pensamento das pessoas sobre essa cultura de exploração que não é sustentável e que está esgotando as reservas naturais”, defendeu o estudante.

Quem acompanhou de perto os tra-

“Houve muita empolgação dos estudantes porque conseguimos essa ajuda, o que não foi possível em outras operações do Rondon por falta de apoio das prefeituras”

balhos da equipe de rondonistas foi o secretário Tobias Lessa. “A barragem vai ajudar os moradores a aproveitar melhor a água da chuva, porque o solo não ficará tão permeável e deve manter a umidade”, explicou. O presidente da Associação Comunitária de Agricultores de Canifístula, Gilberto Bezerra da Costa, de 67 anos, também esteve presente. “Se der certo vamos fazer outras barragens em outras propriedades”, disse o agricultor, animado. “A sanga de onde tiramos água para nossa comunidade está com apenas 2% da sua capacidade e tem chovido muito pouco na região. Com certeza a barragem vai ajudar a gente a ter água por mais tempo e a aproveitar o solo próximo para plantar milho e feijão”, explicou Gilberto.

Dias depois os estudantes colocaram em prática outra atividade, desta vez na comunidade de Vila Soares, onde construíram uma fossa ecológica. “Os rondonistas trabalharam três dias para concluir a fossa. O João Pedro teve insolação no primeiro dia, passou mal durante a noite e teve que tomar soro. O Daniel também passou mal no segundo dia, mas de forma mais branda”, contou o coordenador Roberto Bidegain.

A fossa foi construída na casa do seu Dé, que também participou ativamente.



Universitários constroem fossa séptica e barragem subterrânea em distrito de Apuiarés, no Ceará

Foto: André Maceira

UM RONDON CONSISTENTE E INTEGRADO AO NOVO BRASIL

Em 2005, o Brasil já não era mais o mesmo das décadas de 60 a 90. Mudanças na área de saúde, educação e planejamento passaram a levar mais perspectiva aos brasileiros e chamavam a atenção para a necessidade de ações mais integradas. Nesse sentido, os projetos sociais também precisavam se adaptar. Foi assim que o Governo Federal vislumbrou retomar o Projeto Rondon, mas com um novo formato, um novo conceito.

A criação do Sistema Único de Saúde (SUS), por exemplo, mudou completamente a maneira como os estudantes da área passariam a exercer a profissão. E assim como no SUS, onde as ações em prol da população precisam levar em conta a realidade regional de

cada comunidade, as atividades do Rondon aplicadas nos municípios precisavam seguir essa lógica. Assim, foi retomado o Projeto Rondon, com histórico respeitado desde 1967 (ano de sua fundação). E era chegada a hora de orientar, explicar e humanizar ainda mais o papel dos “rondonistas”.

As diretrizes desse novo Rondon foram dadas pelo Comitê de Orientação e Supervisão (COS) do Projeto, criado pelo Decreto Presidencial de 14 de janeiro de 2005. Presidido por representantes do Ministério da Defesa, o Projeto conta também com a parceria dos Ministérios do Desenvolvimento Agrário, Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Educação, Esporte, Integração Nacional, Meio Ambiente, Saúde e da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Realizado com o apoio das Forças Armadas, que proporcionam o suporte logístico e a segurança necessários às operações, o Projeto conta, ainda, com a colaboração dos governos estaduais e municipais e de empresas socialmente responsáveis.

O RECOMEÇO

A primeira operação desse novo Rondon, realizada em janeiro de 2005, foi um grande diagnóstico, com a participação de 40 instituições de ensino superior em 13 localidades do estado do Amazonas. Foram selecionados municípios que contavam com alguma estrutura das Forças Armadas e universidades e faculdades com experiência em extensão acadêmica.

O resultado desse levantamento foi amplo e generalista, com demandas como montar uma biblioteca, ensinar matemática, construir um campo de futebol, uma quadra de vôlei, melhorar as condições do porto. Cerca de 545 itens para realização de atividades que, após várias análises, resultaram em 227 ações enviadas a todos os ministérios integrantes do Comitê para que, juntos, iniciassem as operações pelo Brasil.

Apesar do curto orçamento, o Projeto Rondon conseguiu, em julho de 2005, realizar sua operação no estado do Acre, com a primeira inovação: além das 12 universidades indicadas, incluíram a participação de estudantes acreanos nas equipes. O resultado foi imediato com maior integração das comunidades e das equipes compostas por alunos e professores. A troca de experiência foi muito positiva e, a partir de então, sempre que se decidia por uma nova operação, as instituições de ensino superior do estado que receberia a operação eram convidadas a integrar o Projeto Rondon.

As ações foram divididas em Cidadania e Bem-Estar (educação, saúde, assistência social) e Desenvolvimento Sustentável e Gestão Pública. Dessa forma, facilitaria a escolha das universidades que adequavam os cursos oferecidos às atividades do Projeto Rondon, escolhendo o grupo em que iriam atuar.

“Para se obter êxito nas atividades do Rondon, é importante ouvir o que as insti-

tuições de ensino superior, em especial, os professores, têm a dizer das experiências adquiridas in loco. Eles vivenciam a prática acadêmica do projeto e, ao nos darem retorno, podemos melhorar e qualificar ainda mais a estrutura e logística oferecidas tanto para os rondonistas quanto para as comunidades”, ressaltou o general Juan Carlos Orozco, assessor técnico superior da Secretaria de Pessoal, Ensino, Saúde e Desporto do Ministério da Defesa.

A visão diferenciada dos docentes permite observar a transformação sofrida tanto pelo estudante quanto pelo município que participa da operação. O Projeto propicia a integração social que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população. Logo, pode-se afirmar que o Rondon tem três públicos-alvos: professores, alunos e a comunidade em geral.

O primeiro aprendizado dos alunos é o trabalho em equipe. O Projeto estimula no universitário a produção de projetos coletivos locais, em parceria com as comunidades assistidas, contribui para a formação do universitário como cidadão, além de integrá-lo ao processo de desenvolvimento nacional, por meio de ações participativas sobre a realidade do País.

CRESCIMENTO

Com o entendimento do funcionamento do Projeto, foram se avolu-

mando a participação das universidades federais, que antes eram minoria diante das instituições particulares. “Os rondonistas podem não aprender nada na área deles, mas vão aprender com pessoas que têm uma vida toda. Essa possibilidade de ensinar é que torna o trabalho gratificante. Por isso, os números do Rondon não são relevantes. Tem professor que volta do Rondon e muda toda sua aula, como aconteceu, por exemplo, com uma professora de enfermagem, que me confidenciou após participar de uma operação”, conta o coronel José Paulo Victorio, que coordenou o Projeto por quase 10 anos.

Já em 2008, com o aprimoramento do Projeto e a crescente participação das universidades, as equipes que antes contavam com oito integrantes, passaram a ser compostas por dez voluntários (dois professores e oito alunos), e divididas em dois conjuntos: conjunto A (cultura, educação, saúde, direitos humanos e justiça) e conjunto B (comunicação, trabalho, tecnologia e produção, e meio ambiente).

Nesses dez anos do novo Rondon, já passaram pelo Projeto mais de 18.500 rondonistas, de mais de 270 instituições superiores que visitaram cerca de 1.066 municípios, em quase 140 operações. Cada operação dura em torno de 15 a 17 dias, incluindo deslocamento, acolhimento e dispersão, e acontecem nos meses de janeiro e julho.



Foto: André Maceira

Em dez anos, já passaram pelo Projeto mais de 18.500 rondonistas que visitaram cerca de 1.066 municípios, em quase 140 operações

MENINAS DO INTERIOR DO PARÁ TÊM AULAS DE BALÉ COM RONDONISTAS

Passos firmes e muito disposição para aprender a coreografia antes vista somente na televisão. Desta forma, as meninas do município de Jacundá, a 380 quilômetros de Belém (PA), deram os seus primeiros passos no balé, na oficina organizada pelos estudantes da Universidade de Caxias do Sul (UCS), durante a Operação Itacaiúnas, do Projeto Rondon.

Iramar Silva Chaves, de 38 anos, é mãe das alunas Jhovanna, 7, e Letícia Silva, 3, que participaram da oficina realizada na Escola Municipal Rosália Correia. Viúva há um ano, Iramar veio do Maranhão com as filhas após ter perdido o marido. As aulas temporárias de balé chegaram no momento em que a mãe procurava atividades para distrair as filhas. “As meninas estão participando da oficina desde o primeiro dia. Elas comentam que o projeto é maravilhoso, e até já repassaram o que aprenderam para as coleguinhas da igreja”, comemorou.

Uma das responsáveis pelo sorriso estampado no rostinho das alunas é Géssica Gozzi, estudante de Turismo da UCS. A acadêmica fala sobre a experiência de ser uma rondonista.

“As meninas estão participando da oficina desde o primeiro dia. Elas comentam que o projeto é maravilhoso, e até já repassaram o que aprenderam para as coleguinhas da igreja”

“Poder trabalhar não só com a minha área, mas também com o balé, a dança, a culinária, é muito bom porque desenvolvo minhas outras habilidades.”

A interdisciplinaridade é uma das características do Projeto Rondon, que desenvolve ações integradas e conjuntas com universitários de diversas áreas do conhecimento. Assim, além dos benefícios às comunidades locais, ganham os estudantes, que interagem e trocam informações e experiências.

“A importância desse projeto em cidades menores é enorme porque traz cultura para os nossos filhos. As moças são muito amáveis e só tenho a agradecer a toda equipe que veio”, comentou Iramar. Para ela, o Projeto Rondon vai deixar saudades e ficará guardado para sempre em sua memória e na de suas filhas.

As oficinas de balé duraram dez dias e tiveram a participação de 48 meninas da cidade, que ainda não haviam tido contato com essa modalidade de dança. A UCS selecionou dez acadêmicos dos cursos de agronomia, biologia, geografia, nutrição, jornalismo, engenharia ambiental e turismo para participar do projeto na cidade.



Foto: Tereza Sobreira

Quase 50 meninas do município de Jacundá dançaram balé pela primeira vez

COMUNIDADE DE ITUPIRANGA APRENDE A CULTIVAR HORTAS SUSPENSAS

No penúltimo dia de atividades da Operação Itacaiúnas, do Projeto Rondon, alunas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFR) ofereceram oficina prática sobre hortas suspensas aos moradores do município de Itupiranga, a 424 quilômetros de Belém (PA). Um dos objetivos da aula foi o de conscientizar a comunidade sobre a importância de atitudes sustentáveis para o meio ambiente.

As acadêmicas do curso de Agromonia Alini Hartmann e Thyara Hillman ensinaram a reutilizar garrafas Pet para

“Além da alimentação, o uso desse pequeno ecossistema é importante no ambiente escolar para a utilização em disciplinas como ciências e matemática”

a construção de hortas verticais em pequenos espaços. A oficina aconteceu na Escola Municipal Jarbas Gonçalves Passarinho e também ofereceu orientações sobre plantio de algumas espécies e dicas para o manejo de pragas e doenças.

Para a rondonista Alini, a aplicação da oficina é essencial para a compreensão dos benefícios das práticas hor-

ticulturais. “Além da alimentação, o uso desse pequeno ecossistema é importante no ambiente escolar para a utilização em disciplinas como ciências e matemática”, explicou.

Atenta à aula, a agente de endemia Maria Selma Jesus, 38, elogiou as meninas e comentou que vai aplicar o que aprendeu em casa. “As hortas são de grande utilidade para o consumo e até mesmo para enfeite porque são muito bonitas”.

O consumo de hortaliças sem agrotóxicos é apenas um dos benefícios das hortas verticais; além disso, existe a vantagem de se poder levar um produto fresco à mesa. Construídas com material simples, é possível plantar temperos para consumo próprio.

De acordo com Alini, as espécies hortícolas como alface, rúcula e cheiro

verde são as mais recomendadas para esse tipo de plantação. Ela ainda explica que legumes como a beterraba e a cenoura precisam de mais espaço para se desenvolver, por isso devem ser cultivadas em canteiros maiores.

Durante a oficina, a comunidade de Itupiranga se mostrou bastante participativa. Iniciada às 14h, a aula só terminou por volta das 17 h, bem depois do programado. Muitos participantes eram da área rural e aproveitaram para tirar dúvidas sobre o plantio de algumas espécies e métodos de controle de pragas.

Além de acompanhar a palestra, as crianças ajudaram na confecção da horta. “Eu achei a aula muito legal. Elas falaram sobre as plantas e o que não podemos usar nelas”, contou Ana Clara Baiana, 10, moradora de Paraupabas, município vizinho a Marabá (PA).



Foto: Tereza Sobreira

Rondonista ensina a importância de atitudes sustentáveis para o meio-ambiente

VISITA DE RONDONISTAS LEVA ESPERANÇA À COMUNIDADE CARENTE NO SERTÃO DO CEARÁ

Esperar por uma água que sai da torneira a cada 15 dias, imprópria para consumo, que serve apenas para uso doméstico e para matar a sede dos animais. Essa é a dura realidade das pouco mais de três mil pessoas que vivem no distrito rural de São Domingo, a 12 quilômetros de Caridade, na região do Sertão do Canindé (CE).

Essa pequena comunidade sobrevive com a pouca água que é distribuída pela prefeitura no programa Garrafão Saúde, que beneficia as comunidades rurais mais atingidas pela seca do Rio São Domingo. A administração distribui 4.552 garrações de 20 litros de água a 1.323 famílias de 31 localidades e a água “rationada” é a única com que os moradores podem contar. Em 2012, uma rede de abastecimento

de água foi construída no local, mas o abastecimento não é diário.

Foi com esse cenário que os universitários do Projeto Rondon se depararam e foi para as pessoas dessa localidade que os estudantes puderam levar mensagens de transformação e conscientização social, para receberem em troca algo inestimável: a gratidão de uma comunidade tão carente.

Em uma manhã de sol muito quente e baixíssima umidade relativa do ar, os universitários passaram pela comunidade, convidando os moradores para as palestras e ações que seriam realizadas na escola Francisco de Souza Barros, a única do distrito. Na escola, estudam cerca de 260 crianças, que fazem o estudo fundamental, e outras 120 no ensino médio.

Dos cursos de Farmácia, Agrono-

“É muito legal! Esse pessoal vem de São Paulo, lá é muito grande, e longe, e eles vieram pra cá, para a nossa cidade”

mia, Biologia, Medicina Veterinária, Letras e Ciências Sociais da Unesp (Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara) e da Unipam (Centro Universitário de Patos de Minas), os rondonistas se reuniram com as merendeiras e com pais de alunos na cozinha da escola. Ali, realizaram uma oficina sobre manipulação e higienização de alimentos e alternativas de preparação. Os estudantes deram preciosas orientações sobre as propriedades nutritivas de frutas e verduras, além de dicas para o melhor aproveitamento dos alimentos na merenda das crianças.

Enquanto os adultos ouviam atentos às explicações dos rondonistas, um outro grupo se reunia em uma das salas de aula da escola. Mais de 30 crianças, de idades variadas, assistiram a uma apresentação sobre meio ambiente, cuidados com animais e preservação.

O garoto Diogo Harlen, 10 anos, era um dos mais entusiasmados. Ele repetia sem parar informações so-

bre a cidade de São Paulo, que tinha visto pela televisão, e se sentia extasiado pelo fato de pessoas de um universo tão distante e diferente do dele terem ido visitar a sua comunidade. Aluno do sexto ano do ensino fundamental, Diogo fez inúmeras perguntas, enquanto assistia a uma apresentação projetada na parede da sala. “É muito legal! Esse pessoal vem de São Paulo, lá é muito grande, e longe, e eles vieram pra cá, para a nossa cidade”, exaltava.

A diretora da escola, Maria Valdisa Rocha Souza, ficou satisfeita com a integração dos rondonistas e com a participação dos alunos, principalmente porque eles ainda estavam de férias. “O ano letivo começa só em fevereiro. Então, a gente teve que passar de casa em casa chamando as crianças e os pais para participarem das atividades”, disse ela.

Segundo a diretora, a visita dos jovens estudantes trouxe alegria e um novo aprendizado para toda a comunidade do distrito. “Temos muitos problemas aqui por causa da falta de água e de saneamento básico. As palestras vão nos ajudar a lidar com questões como lixo, limpeza, uso de hortaliças e alimentos que as pessoas não costumam usar nas refeições como, por exemplo, misturando folhas de verduras como couve e espinafre em sucos, ou talos e cascas para incrementar receitas de bolos e tortas”, acrescentou.



Universitários promoveram palestras e aproveitaram para ensinar às crianças a plantar hortaliças

MERENDEIRAS APRENDEM A REAPROVEITAR ALIMENTOS COM RONDONISTAS

A Operação Itacaiúnas, do Projeto Rondon, esteve presente em vários municípios do estado de Tocantins. Os alunos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR) ministraram curso de Manipulação e Preparo da Merenda Escolar, na cidade de Araguatins, a 503 quilômetros de Palmas (TO).

integral e foram orientadas sobre a importância de reaproveitar diversos alimentos.

A região onde fica o município é rica na produção agrícola de abacaxi, melancia e abóbora. A nutricionista da prefeitura, Haysa Fernandes, explica que, por isso, eles recebem grande quantidade desses alimentos e uma parte acaba sendo desperdiçada. “Essa oficina veio em boa hora

da estação. Ela acredita que após a oficina a qualidade da alimentação vai melhorar. “Muitas vitaminas das frutas e legumes estão nas cascas. Agora com esse reaproveitamento, vamos fazer um cardápio diferenciado e mais nutritivo”.

As alunas também ensinaram às merendeiras como preparar brigadeiro de banana e torta salgada de mandioca crua ralada. Para a rondonista Aline Zanotto, o curso foi um desafio porque a maior parte dos alimentos era jogada fora. “No início, elas comentaram que na teoria é uma coisa e na prática é diferente. Ficaram preocupadas se as crianças iriam aceitar a nova refeição, mas logo viram que era possível.”

A nutricionista da prefeitura demonstrou interesse em incorporar as novas receitas no cardápio das escolas. “Como as aulas já estão começando, queremos incluir, em setembro, algumas receitas ensinadas pelos rondonistas”, afirmou Haysa.

As práticas de manipulação e preparo de alimentos ensinadas pelas acadêmicas serão repassadas para as outras 118 merendeiras da cidade. A merendeira da escola, Domingas Santos Vieira, falou sobre a importância do aprendizado. “Agora também vou poder fazer essas receitas em casa para a minha família”.

Aplicada em um único dia, pela manhã e à tarde, a oficina ainda ofereceu orientações de higiene e palestras sobre recepção, consumo e condições de armazenamento de alimentos.



Foto: Tereza Sobreira

Curso de Manipulação e Preparo da Merenda Escolar foi realizado na cidade de Araguatins e atraiu muitas profissionais

As alunas de Tecnologia em Alimentos, Aline Zanotto e Tatiane Reitz, capacitaram 20 merendeiras em oficina prática realizada na Escola Municipal Professora Nair Duarte. As merendeiras aprenderam a aproveitar frutas e verduras de forma

porque vamos reaproveitar melhor os alimentos regionais”, destacou.

Segundo Haysa, a escola oferece um cardápio com arroz, feijão, peixe, carne ou frango e hortaliças. Já a sobremesa fica por conta das frutas

RONDONISTAS RETORNAM À CIDADE QUE LEVA NOME DO PROJETO

Uma operação do Projeto Rondon realizada há 46 anos marcou tanto a vida da pequena Candangolândia (PA) que o município mudou de nome em homenagem ao Projeto.

Era 1969 e os primeiros habitantes de Candangolândia, um povoado que pertencia ao distrito de São Domingos do Capim, sofriam com as dificuldades de um município em formação. E foi ali que os universitários deixaram as suas marcas ao prestarem os primeiros serviços de educação e saúde ao povoado.

Um dos pioneiros da cidade, José Coutinho Queiroz, 82, que chegou ao local transferido pelo Departamento de Estradas e Rodagens (DEER) para construir a rodovia que liga Rondon do Pará a Marabá (PA), conta que a chegada dos rondonistas foi anunciada pela pequena rádio local. “Foi um alvoroço só. O povoado ficou em festa”.

Liderada pelo médico Camilo Viana, a equipe de rondonistas era formada por estudantes dos cursos de Odontologia, Agronomia e Medicina, vindos da Bahia, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1969, durante a operação, Candangolândia foi elevada

à condição de vila e oficializada como Vila Rondon, pelo próprio Camilo Viana. Esse nome perdurou até 1982, quando se transformou em município e passou a ser chamada Rondon do Pará.

Em julho deste ano, a Operação Itacaiúnas, do Projeto Rondon, reuniu 20 rondonistas na cidade paraense. Os acadêmicos da Universidade de Cuiabá (UNIC) e da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) ofereceram oficinas de piscicultura, informática, educação ambiental, técnicas de maquiagem e cabelo (foto), desenho para crianças, entre outras, para cerca de duas mil pessoas.



Foto: Tereza Sobreira

Rondonistas promovem oficina para mulheres em Rondon do Pará

CHOROZINHO RECEBE OFICINAS E PALESTRAS SOBRE VÁRIOS TEMAS

Durante o mês de janeiro de 2015, a Operação Manda-caru, do Projeto Rondon, percorreu o sertão cearense com o objetivo de incentivar o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento da cidadania. Entre os municípios visitados, está a cidade de Chorozinho (CE), famosa pelo turismo religioso que atrai milhares de pessoas ao Santuário Santa Teresinha do Menino Jesus.

Durante duas semanas, os estudantes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA) e da Universidade Tuiuti, do Paraná, uniram esforços para apresentar aos moradores do município atividades relacionadas à cultura, direitos humanos e justiça, educação e saúde, além de propostas nas áreas de comunicação, tecnologia e produção, meio ambiente e trabalho.

O grupo de rondonistas passou 15 dias no município de 20 mil habitantes, que fica a 60 quilômetros de Fortaleza (CE). Sob a orientação do professor Daniel Oikawa Lopes, da Universidade Tuiuti, era composto por estudantes dos cursos de Direito, Fotografia, Geografia, Gestão Ambiental, História, Publicidade e Propaganda.

Segundo ele, a receptividade da maioria da comunidade foi boa. Muitos se mostraram curiosos e dispostos a apoiar, sendo os jovens e as mulheres o público mais interessado. “Fomos beneficiados pelo calendário e, na mesma semana em que estivemos na cidade, esta-

va marcada a Semana Pedagógica, que antecede o início do ano letivo. Com isso, houve uma boa participação dos professores que são multiplicadores do aprendizado”, explica.

Entre as atividades programadas, as que tiveram maior adesão foram as oficinas que traziam orientações práticas sobre como acessar benefícios, serviços e programas do Governo Federal, além

“Eles são expostos a problemas complexos em situações também complexas”

de como montar uma cooperativa ou associação.

A água, uma grande carência na maioria das comunidades do sertão nordestino, foi tema de palestra aos moradores. “Foi a atividade de maior sucesso”, comemora o professor. Entre os assuntos abordados, estava a construção de um sistema de tratamento ecológico (técnicas baratas para construir filtros d’água) e a montagem de um sistema de aproveitamento da água da chuva.

Na avaliação do professor Oikawa, o Projeto Rondon proporciona aos jovens universitários oportunidades de desenvolvimento humano durante o curso superior. “Eles são expostos a problemas complexos em situações também complexas”, explica.

Segundo o coordenador, o que os alunos trazem é a experiência de reunir informações, organizar eventos, dar aulas para um público muito diferente dos seus círculos. Na bagagem de volta, levam o aprendizado, mas também uma insatisfação pelo fato de não poderem ajudar a resolver todos os problemas encontrados. “É justamente essa insatisfação que vai movê-los daqui pra frente”, finaliza o professor.



Foto: André Maceira

Dona Neide, que cuida da lojinha de souvenirs religiosos, conta histórias do lugar

DOCUMENTÁRIO RESGATA HISTÓRIA DA CIDADE

Um dos trabalhos mais envolventes foi coordenado pelo professor Daniel Oikawa e executado pelos universitários Davi Sanchez, do curso de Tecnologia em Fotografia, Ygor Nachoraink, de Direito, e Daniel Moura, de Publicidade. Eles buscaram informações e descobriram os moradores mais antigos da região para contar e resgatar a história de Chorozinho. Os depoimentos foram

gravados em vídeo, editados e apresentados em formato de documentário aos moradores, no último dia de atividades do Projeto Rondon na cidade.

“Percebemos que a cidade possuía um interesse na preservação de sua história. Eles já tinham um livro publicado e outro em fase de elaboração, porém não havia a participação dos moradores mais antigos, nem nada documentado em vídeo. Foi isso o que

buscamos fazer”, contou o estudante Ygor Nachoraink.

Os rondonistas entrevistaram várias pessoas que contaram histórias sobre o crescimento e desenvolvimento econômico do município. Uma delas é dona Maria Neide Moreira de Matos, viúva de 76 anos, que se divide entre muitas atividades. A principal delas é o cuidado com a lojinha de souvenirs religiosos que fica ao lado da capela de Santa Teresinha do Menino Jesus. A construção integra o santuário de Menino Jesus de Praga, onde são vendidos rosários, santinhos, e artigos religiosos em geral. Lá, são encomendadas as missas e realizadas as atividades de organização de encontros e procissões.

Dona Neide comemorou a visita dos rondonistas, especialmente porque ela se preocupa com a juventude da cidade. Segundo seu relato, por falta de perspectiva, os adolescentes de Chorozinho estão cada vez mais envolvidos com drogas e álcool.

Moradora antiga, a viúva conta, emocionada, algumas passagens da sua vida na cidade. Entre as lembranças que tira da memória está, por exemplo, um abalo sísmico, ocorrido em novembro de 1980, e que acabou danificando a estrutura da Capela de Santa Teresinha. Três anos depois, iniciaram-se as obras da nova igreja, projetada numa arquitetura arrojada. Em formato de pirâmide, é a principal construção do santuário, além da estátua do Menino Jesus, com mais de 25 metros de altura, erguida na entrada da cidade e visível a distância por quem percorre a BR-116.

PROFESSORES DE BARREIRA PARTICIPAM DAS ATIVIDADES PROPOSTAS PELOS RONDONISTAS

A semana pedagógica que antecede o início do período letivo no município de Barreira (CE) contou com a presença de pelo menos 280 professores e diretores das escolas municipais e estaduais. O comparecimento maciço dos educadores garantiu o sucesso de uma das ações da equipe de universitários do Centro Universitário Lusíada (Unilus), que participavam da Operação Mandacaru do Projeto Rondon. Reunidos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisca Amélia da Silva, eles puderam participar de palestras voltadas a questões de saúde e educação, como lidar com alunos especiais, estimulação motora, além de ações pedagógicas.

Uma das participantes foi a professora Sandra Valéria, de 40 anos, educadora da Escola Francisco das Chagas Ferreira. “Estou muito contente em poder participar dessas palestras e aprender coisas novas. Muitas situações que foram faladas aqui acontecem no nosso dia a dia e eles apresentaram soluções novas para problemas antigos”, disse.

Para a professora Olivia Barreto, uma das coordenadoras da equipe de rondonistas da Unilus, e que estava em sua sexta ação no Projeto Rondon, a visita precursora, feita antes do início da Operação Mandacaru – quando os coordenadores conhecem o município e mapeiam as necessi-

dades e as possíveis atividades que podem ser desenvolvidas – foi importantíssima. “Entre as programações que fizemos uma delas estava focada na semana pedagógica, pois era uma oportunidade de ter a atenção dos professores num único local. Sem contar que eles são multiplicadores desse aprendizado”, contou.

O município de Barreira, no Ce-

“Eles apresentam soluções novas para problemas antigos”

ará, tem cerca de 20 mil habitantes e pelo menos 23% dos moradores vivem na linha da pobreza, segundo dados do IBGE. A professora Salete Gonzaga, responsável pelo cadastro do Bolsa Família na cidade, diz que são mais de 3.700 famílias beneficiadas pelo programa.

Segundo ela, na maioria das cidades cearenses não há um controle rígido dos cadastros e da frequência dos alunos (uma das exigências para que as famílias mantenham o benefício), mas garante que em Barreira esse controle é rigoroso. “A evasão escolar diminuiu muito por conta do Bolsa Família”, diz ela.

AULA ELEITORAL

Parte do grupo de rondonistas que atuou no município de Barreira era integrante do curso de Administração Pública da Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho (EG/FJP) – Fundação João Pinheiro de Belo Horizonte (MG). Acompanhado pelos professores Marco Antônio Peroni e Agnez de Lélis Saraiva, o grupo desenvolveu minicursos sobre Lei de Responsabilidade Fiscal; elaboração de projetos para captação de recursos, gestão pública e meio ambiente, entre outros.

“Nosso foco era a administração pública, pois verificamos que havia muitos problemas na gestão, com fragmentação da administração e pouco diálogo entre os entes”

Segundo o professor Peroni, a participação da comunidade foi muito boa, tanto em relação às atividades com adultos como com crianças. “Nosso foco era a administração pública, pois verificamos que havia muitos problemas na gestão, com fragmentação da administração e pouco diálogo entre os entes”, disse o professor. “Vimos que havia uma certa dificuldade dos servidores em propor programas, políticas públicas, e também que havia falta de pessoas capacitadas para elaborar projetos de captação de recursos, então

voltamos nossas atividades nesse sentido”, explicou.

Numa das oficinas, os rondonistas apresentaram a um grupo de 20 pessoas informações sobre a matemática das eleições municipais: explicaram didaticamente o que é quociente eleitoral, quociente partidário e voto em legenda. De acordo com os estudantes que participaram da palestra, os cálculos realizados na eleição proporcional, sistema pelo qual são eleitos os representantes da Câmara Federal, das Assembleias Legislativas e também das Câmaras Municipais,

é uma das principais dúvidas dos eleitores e até mesmo de muitas pessoas que participam ativamente das campanhas eleitorais.

“O eleitor muitas vezes não entende por que um candidato bem votado não consegue uma vaga no Poder Legislativo, enquanto outro que tenha recebido menos votos acaba eleito. Isso ocorre porque na casa legislativa, no caso a Câmara dos Vereadores do município, as vagas são distribuídas de acordo com a votação recebida por cada partido ou coligação”, explicou um dos rondonistas.



Foto: André Maceira

Palestras sobre educação atraíram 280 professores e diretores das escolas municipais e estaduais

AÇÕES PARA IDOSOS E AGENTES DE SAÚDE GARANTEM BOA PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

Todas as terças e quintas-feiras, um grupo da terceira idade se reúne em uma das salas da Prefeitura Municipal de Barreiras, no Ceará, para ouvir palestras, falar dos principais males e doenças que atingem os idosos e também para trocar ideias, fazer exercícios e até dançar. É uma das primeiras ações dos estudantes do Centro Universitário Lusíadas, de Santos (SP), que integravam a Operação Mandacaru do Projeto Rondon, foi justamente para esse grupo de pessoas.

Cerca de 30 idosos participaram das palestras apresentadas pelos estudantes de Medicina, Fisioterapia, Pedagogia e Enfermagem da universidade sobre temas como pressão alta, excesso de peso, tonturas e quedas na terceira idade. Participativos e alegres, eles ainda mostraram disposição para uma roda de exercícios físicos em que fizeram alongamento e até aproveitaram o som de um forró para dançar em duplas.

Em outra atividade, desta vez junto aos agentes de saúde local, os estudantes distribuíram folhetos e fizeram palestras sobre atendimentos básicos. Uma das participantes, Maria Auxiliadora da Silva, 60 anos, que trabalha há 23 anos como agente de saúde na região de Aracoiaba, município próximo a Barreiras, disse que adora o trabalho que faz e acha importante estar sempre aprendendo.

Para ela, participar de cursos e palestras é uma forma de o profissional que atua na área de saúde se reciclar. Maria Auxiliadora atende um grupo permanente de pessoas da comunidade e tem a situação de todos os moradores catalogada, individualmente: “São 106 famílias, sendo que temos 47 pessoas hipertensas e 17 com diabetes”.

Desde que o trabalho dos agentes comunitários foi implantado na região, Maria Auxiliadora garante que a situação de saúde das famílias melhorou, e os casos de mortalidade infantil diminuíram. “Apesar das dificuldades e limitações que temos, acompanhamos

o pré-natal das grávidas e depois fazemos a pesagem mensal dos bebês. Também tentamos convencer os moradores a fazer exames preventivos. Às vezes a gente não consegue porque tem muita gente teimosa e com medo de ir ao médico”, ressalta.

Ela e outros oito agentes de saúde do município participaram de todas as palestras e cursos que foram ministrados pelos rondonistas durante as duas semanas em que estiveram na cidade, e elogiaram a iniciativa. “É muito importante ter ações como essas. O Projeto Rondon, estudantes universitários e professores estão de parabéns”, finalizou.



Foto: André Maceira

Além das palestras, os idosos fizeram alongamento e se exercitaram

LAÇOS DE AMIZADE

“Não se volta de um projeto desses do mesmo jeito. Alguma coisa em nós se transforma. Hoje, por exemplo, eu não olho para a chuva da mesma forma que antes”

Ângelo Rodrigues, professor e coordenador da Universidade Federal de Lavras (UFLA)

“É uma viagem de sentimentos extremos. Ficamos tristes por ter que deixar alguns amigos, felizes por voltar ao lar, e alimentamos a esperança de que um dia possamos nos encontrar novamente”

Stefan Sousa Campos, estudante de História da Universidade de Taubaté (UNITAU)

DE PAI PARA FILHO

“Meu pai ficou bastante empolgado e me deu a maior força quando soube que eu também ia participar. Ele foi rondonista, há mais de 20 anos, e foi em uma operação em Araçatuba (SP) que ele e minha mãe se conheceram.”

Cláudio Jr., estudante de Computação na USP de São Carlos, filho do rondonista Claudio Cesar Domene

“A comunidade estava muito receptiva às novas ideias. A cada projeto apresentado, queriam saber como aplicar em suas atividades para ter um retorno financeiro. Além disso, para cada informação que eu passava, eu aprendia várias outras. Fui para ensinar, mas também aprendi bastante”

André Ibañez, estudante de Agronomia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (SP)

“As coisas que minha mãe me contou sobre a viagem a Jacobina, no Piauí, e tudo que desenvolveram lá influenciaram definitivamente a minha decisão de participar”

Jéssica Rosendo, estudante de Engenharia da Computação da Universidade São Francisco de Itatiba (SP), filha da rondonista Marlene Borges

Estudantes falam da relação com as comunidades visitadas e se emocionam ao constatar que as experiências são tão intensas que serão levadas para toda a vida

“Poderia não ter dado certo. Poderíamos ter tido medo ou preguiça. Poderíamos nos desentender. Mas, nesse exato momento, na nossa chegada, na nossa entrada em Caridade, nós nos abraçamos. As equipes se tornaram uma só. E foram mais fortes e melhores”

Carla Ferreira, estudante de Medicina da Universidade de Patos de Minas (UNIPAM)

“Eu fiquei muito curioso e ansioso em participar porque eu só ouvia coisas boas, apesar das dificuldades, e me pareceu uma boa oportunidade de praticar o que a gente aprende na sala de aula. Meu pai participou de várias operações e já se prepara para as próximas”

Ygor Narchonik, estudante de Direito da Universidade Tuiuti (PR), filho do rondonista Valdomiro Narchonik



Foto: André Maceira

Rondonistas e moradores das comunidades terminam as operações em clima de total integração



<http://www.projettorondon.pagina-oficial.com>

PROJETO

RONDON



Lição de vida e de cidadania



「 CONHEÇA UM BRASIL
QUE ESTÁ ALÉM DOS LIVROS 」

Ministério da
Defesa

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA